

Instrução pública e formação moral: a gênese do sujeito liberal segundo Condorcet

Public instruction and moral training: the genesis of the liberal subject according to Condorcet

Maria de Lourdes Pinto de Almeida

Dra. em Educação pela UNICAMP. Professora da UNICAMP/
GEPEH, GEPEH/USP.
e-mail: malu04@uol.com.br

SILVA, Sidney Reinaldo da. *Instrução pública e formação moral: a gênese do sujeito liberal segundo Condorcet*. Autores Associados. 152p. ISBN 85-7496-100-0.

Sidney Reinaldo da Silva em seu livro *Instrução Pública e formação moral: a gênese do sujeito liberal segundo Condorcet* apresenta a obra do Marques em uma perspectiva muito atual, pois a questão da moral e o estudo da ética tornam-se o eixo dos Parâmetros Curriculares Nacionais Brasileiros. Assim, a discussão presente em sua obra não é apenas mais uma pesquisa de filosofia da educação, mas também um contraponto para se refletir sobre os rumos das recentes políticas para o setor educacional, seus impactos institucionais, ideológicos e morais.

No prisma da história da educação, esta análise resgata uma discussão de uma temática iluminista que tem privilegiado, sobretudo, a obra de Locke, Rousseau e Kant. É a partir desses autores que a obra de Condorcet é apresentada, e a partir dela a proposta de ensino da moral de um qua-

dro histórico dos progressos humanos, das cinco memórias sobre a educação e do relatório e projeto de uma moralidade como uma proposta coletiva racional para a liberdade.

Em Condorcet, a autonomia do indivíduo apresenta-se como correlata da soberania nacional. Ao contrário do que propunha Locke, Condorcet defende uma democratização do ensino visando a formação de todos os membros de uma nação como cidadãos liberais, não a restringindo a uma elite econômica. Ao desconfiar da educação nacional e do modelo espartano de formação moral em que o indivíduo seria educado para a pátria, Condorcet aponta para os perigos do fanático patriótico que expressaria uma religião política. O autor aponta a formação da razão e da moral de um povo como um modo de evitar toda forma de dogmatismo e catecismo religioso e cívico,

que constituiriam ameaças à soberania nacional. Neste aspecto, a obra de Condorcet torna-se totalmente contrária ao uso que foi feito do pensamento de Rousseau durante a Revolução, que se expressava, sobretudo, nas propostas e planos de educação nacional. Mesmo sem ter tido contato com a obra de Kant, Condorcet não se divide em teoria e prática, e a moral não pode se efetivar sem uma formação da racionalidade teórica. Com isso, a instrução pública torna-se fundamental para o desenvolvimento da autonomia individual. Ao ousar saber, a pessoa deveria estar aberta à formação continuada no sentido de acompanhar os progressos do conhecimento humano, especialmente no campo das ciências sociais e políticas, sem o qual a consciência resulta, sobretudo, de uma instrução voltada para os valores universais, o desenvolvimento do pensamento analítico e o cosmopolitismo. A boa vontade não basta. Ela deve ser socorrida pelas luzes da razão.

Ainda que a temática seja a formação moral em Condorcet, o presente estudo oferece ao leitor uma visão ampla do pensamento do pensador francês, situando-o no fluxo histórico das idéias no século XVIII. O leitor sentirá a falta da exposição do contexto histórico e social em que viveu Condorcet, mas o sentido ideológico do seu pensamento mostra-se em todo o texto, especialmente seu compromisso com a sociedade liberal e a defesa da propriedade privada, que eram as bandeiras da burguesia revolucionária da época. Contudo, devemos lembrar que o liberalismo de Condorcet é o oposto do liberalismo malthusiano.

O pensador francês não admite que o inferno capitalista seja necessário, nem que os filhos devam pagar pelos “pecados” ou “fracassos econômicos” dos pais. Assim, a formação da razão e da moral de um povo torna-se um empreendimento público, uma meta da arte social. É nesse sentido que a idéia de progresso em Condorcet se ancora, sobretudo, na instrução pública. A crença na justiça da ordem liberal funda-se no otimismo pedagógico, no poder do ensino para libertar as pessoas do preconceito, da ignorância e para não deixar o sentimento de justiça se corromper. Estes devem ser guiados pela razão, que se fortalece e se mantém com uma instrução bem feita.

O mais curioso é que, ao lermos esta obra, começamos a questionar se este autor foi muito avançado para o seu tempo, ou se muitas propostas pedagógicas atuais não são tão novas assim. Mas quando Condorcet fala em “aprender a aprender”, “ensino continuado ou permanente”, “cidade educativa”, ele apela para a razão, no sentido de torná-la o eixo da formação moral. Atualmente, essas idéias se apresentam muitas vezes enviesadas pelo irracionalismo, comunitarismo, multiculturalismo, e outras modas pedagógicas que se contrapõem frontalmente ao projeto iluminista ao qual o nome de Condorcet está definitivamente ligado. Como Sidney Reynaldo nos lembra, o capitalismo aprendeu a se justificar de outra maneira. Ele não precisa mais do ideário universalista promovido pelo movimento iluminista. Mas a obra de Condorcet torna-se importante para entendermos essa guinada ideológica. Neste início de terceiro milênio, **a formação do**

indivíduo liberal se dá por vias diversas ao racionalismo. As críticas efetuadas pelo “*desconstrutivismo*”, pela *desmontagem* das (meta) narrativas e formas de operação dos dispositivos de formação moral nos mostraram que a autonomia moral é uma “*arte ou técnica social*”. E mais ainda, nos revelaram como usar esses processos de construção de sujeitos liberais de um modo mais “*eficaz*” do que aqueles propostos pelos iluministas. Assim, podemos compreender melhor porque o *apelo* à narrativa, à tradição, ao relativismo, ao sentimento e à retórica cumpre um papel fundamental na formação moral em sociedades capitalistas pós-modernas.

O presente livro mostra no primeiro capítulo o sentido moral da obra pedagógica de Condorcet. No segundo capítulo, o autor contextualiza o debate em torno da formação moral do século XVIII, mostrando como se articularam as tendências religiosas, patrióticas (educação nacional) e racionalistas. No terceiro capítulo, é discutida a diferença entre educação nacional e instrução pública e a forma com ela é concebida por Condorcet. É notável a análise que o autor faz do conceito de saber elementar como a base curricular da formação moral

e a forma como ele articula o saber científico com a formação da cidadania, no sentido de manter um aperfeiçoamento permanente da humanidade. A análise dos elementos constitutivos do processo de formação moral ocorre no capítulo quatro. O objetivo deste capítulo é mostrar como a moralidade para Condorcet resulta de um desenvolvimento equilibrado da sensibilidade e da razão e a forma como o “*motivo de crer*”, um conceito fundamental da filosofia condorcetiana, pode ser formado pela instrução pública. No capítulo cinco, é mostrado como a instrução pública deve operar na formação moral de um povo. Nas considerações finais, Sidney Reynaldo expõe como a idéia de instrução pública em Condorcet está conectada às suas concepções de propriedade, de poder, desigualdade social, opressão e emancipação coletiva.

Gostaria de finalizar esta resenha parabenizando o autor, (que é especialista em Condorcet, estudando-o no mestrado e doutorado que realizou no IFCH da UNICAMP), por ter apresentado a obra pedagógica do revolucionário iluminista numa perspectiva atual, polêmica e que, com certeza, muito contribuirá para o debate pedagógico atual.

Recebido em 11 de abril de 2007.

Aprovado para publicação em 15 de maio de 2007.

